

Descaso com habitação faz proliferar favelas

Mais de 130 mil imóveis de déficit habitacional e cerca de 30 mil famílias vivendo em áreas sem nenhuma infraestrutura só na Grande Vitória. Os dados, respectivamente da Cohab e da Coordenação do Movimento de Moradia de Vila Velha, são um retrato do caos do setor de habitação na região, onde proliferam favelas e a população acaba enterrada em áreas que não oferecem nenhuma condição de vida, sem que o poder público assuma uma posição determinada para reverter o quadro.

Só na Grande Vitória, segundo a presidenta do Movimento de Moradia de Vila Velha, Maria Clara da Silva, passa de 50 a quantidade de favelas, onde milhares de famílias tentam sobreviver completamente à margem dos benefícios públicos. Não existem ruas calçadas, abastecimento de água, energia elétrica, postos de saúde e policial, escolas, transportes...

“O Governo do Estado e as prefeituras têm que assumir a posição de quem deve teto aos seus cidadãos”, dispara Maria Clara, que critica o poder público pelas ações tímidas nessa área, principalmente em atenção a quem realmente não tem renda ou que ganha abaixo de três mínimos e têm imensas dificuldades até para conseguir financiamento para as famosas casas populares.

Interinamente à frente da Cohab, o diretor de Administração e Finanças José Fioravanti Pasolini jura que a empresa não tem qualquer discriminação contra a população sem renda, mas não sabe precisar o número de pessoas que ganham menos de três salários mínimos atendidas pela Cohab, que ano passado construiu, segundo ele, 30 mil imóveis. Dessa quantidade, ele admitiu que 4,3 mil foram invadidos e estão sub judice, enquanto entre 17 e 18 mil continuam sendo pagos (o restante já foi quitado). Pasolini garantiu que o atendimento à parcela da população que ganha menos de três mínimos é uma das metas da Cohab

lisados. Enquanto ele andou, foi determinada a execução de um projeto-piloto para a construção de casas populares, numa região dotada de infraestrutura.

O projeto, considerado um piloto, seria o de construção de um bairro com casas populares, através de um sistema alternativo que ninguém soube informar qual é. Isso aconteceria na região conhecida como Lagoa do Jabaeté, próximo à mais nova favela da Grande Vitória: Terra Vermelha.

Seriam 2,6 mil casas, construídas em mutirão. A área total é de 750 mil metros quadrados. Mas nem todo mundo tem muita esperança de que esse projeto realmente saia do papel. “Estamos esperando que o Governo (a administração de Albuíno Azeredo) não acabe sem assinar esse projeto”, disse Maria Clara da Silva.

A supervisora de Estudos Urbanos da Secretaria de Desenvolvimento Econômico (Sedes), Ana Amélia Costa Moraes, não precisa datas, mas reconhece que o Estado passa por um momento financeiro delicado e que o momento é também de mudanças de direção. Mesmo assim, ela garante que o programa está em fase de implementação, com Cesan e Escelsa, por exemplo, dando andamento às questões de infraestrutura para abastecimento de água e energia elétrica.

Ela assume uma posição pessoal para tentar explicar por que essas ações de Governo são sempre tão morosas e quase nunca acabam saindo do papel. “O Poder público tem problemas de recursos, mas tem mais problemas de integração entre os órgãos para resolver os problemas”.

Que a situação dos favelados é de absoluta miséria todo mundo sabe, mas será que ninguém conhece uma definição clara do que seja favela? Segundo o Novo Dicionário Aurélio, favela “é um conjunto de habitações populares toscamente construídas (por via de regra em morros) e desprovidas de

tam sobreviver completamente à margem dos benefícios públicos. Não existem ruas calçadas, abastecimento de água, energia elétrica, postos de saúde e policial, escolas, transportes...

“O Governo do Estado e as prefeituras têm que assumir a posição de quem deve teto aos seus cidadãos”, dispara Maria Clara, que critica o poder público pelas ações tímidas nessa área, principalmente em atenção a quem realmente não tem renda ou que ganha abaixo de três mínimos e têm imensas dificuldades até para conseguir financiamento para as famosas casas populares.

Interinamente à frente da Cohab, o diretor de Administração e Finanças José Fioravanti Pasolini jura que a empresa não tem qualquer discriminação contra a população sem renda, mas não sabe precisar o número de pessoas que ganham menos de três salários mínimos atendidas pela Cohab, que ano passado construiu, segundo ele, 30 mil imóveis. Dessa quantidade, ele admitiu que 4,3 mil foram invadidos e estão sub judice, enquanto entre 17 e 18 mil continuam sendo pagos (o restante já foi quitado). Pasolini garantiu que o atendimento à parcela da população que ganha menos de três mínimos é uma das metas da Cohab para o ano que vem.

No papel

Na Secretaria de Desenvolvimento Econômico (Sedes), um projeto, que teria por objetivo a desfavelização da Grande Vitória, está parado por falta de recursos. Um comitê foi criado, junto com o projeto, em agosto do ano passado, fez reuniões periódicas, mas desde janeiro os trabalhos estão para-

Governo (a administração de Albuíno Azeredo) não acabe sem assinar esse projeto”, disse Maria Clara da Silva.

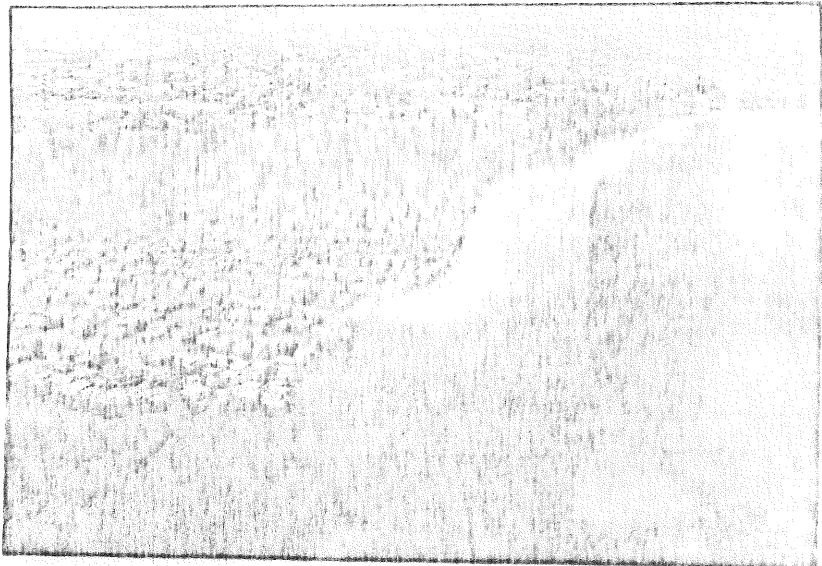
A supervisora de Estudos Urbanos da Secretaria de Desenvolvimento Econômico (Sedes), Ana Amélia Costa Moraes, não precisa datas, mas reconhece que o Estado passa por um momento financeiro delicado e que o momento é também de mudanças de direção. Mesmo assim, ela garante que o programa está em fase de implementação, com Cesan e Escelsa, por exemplo, dando andamento às questões de infraestrutura para abastecimento de água e energia elétrica.

Ela assume uma posição pessoal para tentar explicar por que essas ações de Governo são sempre tão morosas e quase nunca acabam saindo do papel: “O Poder público tem problemas de recursos, mas tem mais problemas de integração entre os órgãos para resolver os problemas”.

Que a situação dos favelados é de absoluta miséria todo mundo sabe, mas será que ninguém conhece uma definição clara do que seja favela? Segundo o Novo Dicionário Aurélio, favela “é um conjunto de habitações populares toscamente construídas (por via de regra em morros) e desprovidas de recursos higiênicos”.

Os conceitos variam pouco, mas são mais fortes para quem vive mais de perto dos problemas do dia-a-dia. Com conhecimento de causa, a coordenadora do Movimento de Moradia de Vila Velha dispara: “Sempre foram as área que não oferecem as menores condições de vida e sem nenhum projeto de infra-estrutura adequado à moradia”.

Foto de Gláudio Loyola



Na Grande Vitória 30 mil famílias vivem em áreas sem infra-estrutura